

Aprovada na 865ª Sessão

ALADI/CR/Ata 864
(Extraordinária)
1º de julho de 2004
Horas: 9h45m a 11h10m

ATA DA 864ª SESSÃO, EXTRAORDINÁRIA,
DO COMITÊ DE REPRESENTANTES

Ordem do dia

O Comitê de Representantes recebe a visita do Senhor Embaixador Rubens Ricupero, Secretário-Geral da UNCTAD.

Preside:

BERNARDO PERICÁS NETO

Assistem: Juan Carlos Olima, Ricardo Hartstein, Rubén Javier Ruffi e Marcelo Fabián Lucco (Argentina), Armando Loaiza Mariaca e Marcelo Janko Álvarez (Bolivia), Bernardo Pericás Neto, José Amir Da Costa Dornelles, José Augusto Silveira de Andrade, Michel Arslanian Neto, Luciano Mazza de Andrade, Roberto Goidanich, María Cristina Ferraz Alvez e Daniela Arruda Benjamin (Brasil), Héctor Casanueva Ojeda e Oscar Quina Truffa (Chile), Claudia Turbay Quintero e María Claudia Garavito Triana (Colômbia), José Felipe Chaple Hernández (Cuba), Leonardo Carrión Eguiguren e Juan Larrea Miño (Ecuador), Perla Carvalho, Dora Rodríguez Romero e César Manuel Remis Santos (México), Bernardino Hugo Saguier Caballero, Marcelo Eliseo Scappini Ricciardi e Nancy Doria de Guggiari (Paraguai), Ricardo B. Romero Magni (Peru), Agustín Espinosa Lloveras e Mariella Crosta (Uruguai), María Lourdes Urbaneja, Nancy Unda de González, Magdalena Simone, Juan Ramón Chiarino e Olga Mercedes Fuenmayor (Venezuela), Luis Ramón Ortiz Ramírez (Honduras), Luis Augusto Frappola Álvarez (Nicarágua), Wang Yogzhan (República Popular da China), Vasile Macovei (Romênia), Pavel Zenkovich (Rússia), Martín Stabile (BID), Arnaldo Chibbaro (IICA), José Fiusa Lima (OMS/OPS), e Katiça Cekalovic (PNUD).

Convidados especiais: Didier Operti, Ministro das Relações Exteriores do Uruguai; William Ehlers, Vice-Ministro das Relações Exteriores do Uruguai; Eduardo Dos Santos, Embaixador do Brasil no Uruguai; Embaixador Carlos Pérez del Castillo.

Secretário-Geral: Juan Francisco Rojas.

Secretários-Gerais Adjuntos: Leonardo F. Mejía, María Teresa Freddolino.

PRESIDENTE: Iniciamos la Octingentésima Sexagésima Cuarta Sesión, Extraordinaria, del Comité de Representantes para recibir la visita del Señor Embajador Rubens Ricupero, Secretario General de la UNCTAD.

Señor Embajador Didier Operti, Ministro de Relaciones Exteriores de la República Oriental del Uruguay, Señores Representantes, Señores Observadores, Señor Embajador Rubens Ricupero, señoras y señores:

El Comité de Representantes tiene el honor de recibir hoy, en Sesión Extraordinaria, al Secretario General de la Conferencia de Naciones Unidas sobre Comercio y Desarrollo – UNCTAD, Embajador Rubens Ricupero.

Desde el ejercicio de la Presidencia del Comité, siento una satisfacción muy especial al darle la bienvenida a un querido amigo y compañero, con quien tuve el placer de compartir esfuerzos en momentos significativos de la vida internacional de Brasil, tales como la Conferencia de Naciones Unidas para el Medio Ambiente y Desarrollo, Río-92.

Agradezco que haya aceptado la invitación para hablar ante este foro en un momento particularmente agitado de su agenda, en que se acercaba la XI Reunión de la UNCTAD, realizada del 13 al 18 de junio, en San Pablo. Su presencia aquí demuestra su aprecio por esta Casa, que ya visitó en dos oportunidades anteriores, en 1996 y en noviembre de 2000.

Diplomático, historiador, profesor, el Embajador Ricupero está al frente de la UNCTAD desde 1995. Antes de asumir sus actuales funciones, ya tenía una larga trayectoria de altos servicios prestados a Brasil y a la comunidad internacional, habiendo sido – para citar tan sólo algunos marcos de esa trayectoria – Ministro de Medio Ambiente y de Hacienda y Embajador en Washington, Roma y Ginebra.

Es con gran expectativa que esperamos las palabras del Embajador Ricupero. Defensor de larga data de la causa del desarrollo y de la integración, ha desarrollado, como Secretario General de la UNCTAD, reconocido trabajo a favor de una mayor y mejor participación de los países en desarrollo en la economía mundial. El Embajador Ricupero es, además, un analista agudo de los temas internacionales, no sólo preocupado con realizar diagnósticos, sino también decidido a proponer acciones terapéuticas, advertir contra falacias, movilizar voluntades y estimular la acción. A esos atributos se debe agregar la claridad de su discurso y la capacidad expresiva, lo que nos permite anticipar una sesión altamente útil e interesante.

Antes de terminar, deseo agregar unas breves palabras sobre la actual agenda de ALADI. En este momento, Embajador Ricupero, estamos dedicados prioritariamente a la tarea de discutir cursos de acción que contribuyan a desarrollar y consolidar un Espacio de Libre Comercio en la región, obra que registró importantes avances a partir de la firma, el año pasado, de los acuerdos de libre comercio entre el MERCOSUR y los países de la Comunidad Andina. Una propuesta relacionada con eso será enviada por el Comité de Representantes a la próxima reunión del Consejo de Ministros de la Asociación, que tendrá lugar el 18 de octubre próximo.

En los trabajos preparatorios, se destaca la coincidencia de opiniones en cuanto a la importancia de la incorporación de nuevos temas a la agenda aladiana, tales como el comercio de servicios, las inversiones y las compras gubernamentales. Para complementar y potenciar el Espacio de Libre Comercio regional, hay, también, interés en profundizar la cooperación en otras áreas, entre ellas, el financiamiento del comercio, la integración física y digital. En ese contexto, también se evalúa los eventuales ajustes de funcionamiento de la Asociación, incluso institucionales, que podrán ser necesarios para la implementación de las nuevas prioridades propuestas.

ALADI se encuentra, entonces, en un esfuerzo de actualización. Lo que se desea es que la Asociación sea un instrumento cada vez más útil y funcional para los propósitos de integración establecidos en el Tratado de Montevideo 1980.

Antes de pasar la palabra al Embajador Juan Francisco Rojas, quiero, en el nombre de este Comité, congratularme con el Embajador Ricupero por los cuarenta años de la UNCTAD, organismo tan querido por el mundo en desarrollo, que deseamos siempre ver fortalecido.

Ofrezco la palabra al Secretario General de ALADI, Embajador Juan Francisco Rojas.

SECRETÁRIO-GERAL: Muiíssimo obrigado, Senhor Presidente.

Presidente do Conselho de Ministros, Presidente do Comitê, prezado amigo Rubens Ricupero, Senhores Representantes, convidados especiais, amigos e colegas da Secretaria,

Rubens, hoje o recebemos nesta Casa com profunda emoção, pela segunda vez durante minha gestão como Secretário-Geral, e pela terceira vez desde minha época de Secretário-Geral Adjunto.

Essas visitas sempre foram importantes não apenas para conhecermos sua preclara opinião a respeito do mundo e da inserção de nossa América Latina nesse mundo, mas também no plano interinstitucional, por constituir-se as mesmas em uma grande oportunidade para aprofundar a cooperação e colaboração que existe entre nossas Secretarias.

Como assinalava o Presidente do Comitê, esta sua visita ocorre em um momento de muita transcendência para a Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento, que já conta com quarenta anos de trajetória, deixando marcos na história das relações entre os países em desenvolvimento e na participação deles no Sistema Econômico Internacional, e que, em breve vai realizar sua Décima Primeira Conferência, i.é., daqui a duas semanas, em São Paulo, à qual esperamos poder comparecer e compartilhar com o Senhor, novamente, algumas experiências.

Li algumas de suas declarações feitas ontem ou anteontem, em São Paulo, nas quais o Senhor fazia referência a uma expressão do Presidente Lula sobre “A nova geografia do comércio”, bem como ao que assinalava agora o Embaixador Pericás sobre os avanços da ALADI, que visam, justamente, a introdução dos países-membros da Associação nessa nova geografia do comércio.

Não duvidamos que a participação nessa nova geografia encontre ventos favoráveis. Ventos favoráveis em matéria econômica, por quanto o mundo parece direcionar-se a uma recuperação do processo econômico que, evidentemente, incide na evolução da economia regional. Já vimos, no ano passado e ontem, uns números da CEPAL que mostram que vários dos países latino-americanos e, em particular, alguns membros da ALADI, terão um crescimento espetacular em suas economias neste ano.

Essa melhora econômica não se reflete, porém, nas negociações internacionais. Vemos como a Rodada de Doha ainda tem dificuldades para avançar; conhecemos toda a problemática que está sendo enfrentada para continuar com a negociação da ALCA, unida à bilateralidade, que, lamentavelmente, caracteriza esse processo.

Quanto ao relacionamento com a União Européia, o Chile e o México já assinaram Acordos de Livre Comércio, e o MERCOSUL parece estar, também, em vias de se associar. Não ocorre a mesma coisa com os países da Comunidade Andina nem com os países centro-americanos, que não conseguem obter uma resposta favorável da União. São acusados de *deficit* de integração; parece que essa é a grande desculpa para não negociar um Acordo de Livre Comércio com eles, que precisariam no momento, tanto ou mais que os outros de um acesso muito mais aberto e transparente ao mercado europeu.

Porém, nós também devemos reconhecer esse *deficit* de integração. Temos avançado muito em nossa integração de demanda, e agora falo, em particular, sobre a ALADI. Os esforços têm sido muito grandes. A vontade política foi posta a prova, alcançando seu ponto máximo em dezembro passado, com a assinatura do Acordo de três países da

Comunidade Andina com os países do MERCOSUL. Mas ainda temos *deficit*, *deficit* muito grandes.

Temos atendido muito bem a integração das demandas, mas muito mal a integração das ofertas. Abandonamos o aspecto produtivo, abandonamos um aspecto que entendemos que tem uma significação especial para América Latina, que é o da gestão da ciência e da tecnologia. Não fomos capazes nem sequer de avançar em programas conjuntos para copiarmos tecnologias geradas pelos países desenvolvidos. Temos aí um *deficit* muito grande; talvez isso se torne visível nos montantes de nosso comércio, que, independentemente da conjuntura enfrentada, atingiram um limite. Nossa complementaridade econômica cada dia é mais baixa, nosso comércio intra-setorial, diriam os peritos, cada dia é mais limitado.

Mas este *deficit* não se traduz apenas no aspecto puramente econômico. Temos esse *deficit*, também, em matéria social. Vimos como a integração tem sido alheia à problemática mais grave que enfrentam os países latino-americanos e, especialmente, os países-membros, i.é., a marginalização e a exclusão social.

O desemprego impera em nossos países. Ainda enfrentamos dificuldades, como enfermidades endêmicas que considerávamos superadas; os problemas educacionais subjazem permanentemente em nossa realidade, e é pouco o que nossa integração pode fazer para superar esses problemas. É verdade que muitos dependem de problemas nacionais, do *deficit* de políticas nacionais, mas, também, em alguns casos, perante a diminuição desse *deficit*, a integração não estendeu uma mão para tentar enfrentar esses problemas.

Talvez por isso nossa integração não alcança a dimensão política que deveria. Estamos focados, como disse no início, na integração das demandas. Temos focado nossos esforços na integração com base em programas de liberalização comercial; muitos deles, o que fazem é acompanhar a abertura unilateral dos países latino-americanos, sem nenhum tipo de compensação, e esse *deficit* que arrastamos, torna mais distante a integração de nossos povos, e é aí, justamente, onde deveríamos afiançar nossa ação no futuro.

Embaixador Ricupero, hoje assinaremos um novo Acordo de Cooperação. Nossa experiência de trabalho com a UNCTAD, como também disse no início de minha intervenção, foi magnífica. Inclusive, já estivemos conversando sobre algumas outras atividades que vão além do âmbito do memorando que vamos assinar nesta manhã, que se refere, basicamente, à criação do Centro Regional de Informação Comercial, para o qual a contribuição do Organismo que o senhor representa vai ser fundamental para completar os bancos de dados com que contamos nesta Associação.

Tenho certeza de que, no futuro, essa cooperação entre a UNCTAD e a ALADI será muito mais próxima e continuaremos trabalhando em conjunto em prol do bem-estar de nossos países, dos países em vias de desenvolvimento, de nossa América e, especialmente, dos países-membros da ALADI e de sua integração.

Em nome da Secretaria-Geral dou-lhe as mais cordiais boas-vindas, recebemo-lo com os braços abertos e esperamos ansiosos saber como nos vê desse mundo tão distante para nós, o mundo genebrino. Bem-vindo, Embaixador Ricupero. Muito obrigado.

PRESIDENTE: Muchas gracias, Señor Secretario General. Antes de pasar la palabra al Embajador Ricupero, quisiera también saludar al Embajador William Ehlers, Vicecanciller de la República Oriental del Uruguay, que está hoy aquí presente.

El Señor Embajador Ricupero tiene la palabra.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O COMÉRCIO E O DESENVOLVIMENTO (UNCTAD) (Rubens Ricupero): Obrigado, muito obrigado.

Senhor Presidente, Senhor Secretário-Geral, Senhor Ministro, Excelentíssimos Senhores Embaixadores Representantes, Vice-Ministros, meu especial amigo Carlos Pérez Del Castillo, que está presente, Senhoras e Senhores,

Peço-lhes um pouco de indulgência porque decidi falar em mal espanhol e não em português; meu amigo Bernardo, com mais sabedoria, falou em português, mas eu acredito que tenho uma explicação. Eu lembro que, numa das vezes que morei em Washington, eu era muito amigo de um repórter argentino, Ari Moleon, que trabalhava em uma das agências telegráficas e, uma vez, falando de nosso comum amigo, Alejandro Orfila, dizia-lhe: “Bem, Orfila é um argentino profissional”. Eu não sou profissional, eu também não estou aqui como brasileiro profissional, então me permito mais falar em espanhol, e peço-lhes, como dizia, indulgência para os erros que certamente cometerei.

Queria primeiro, manifestar minha alegria de estar de novo nesta Organização, que eu estimo muito, meu agradecimento por seu amável e honroso convite e minha disponibilidade, com entusiasmo, para continuar trabalhando juntos em assuntos de interesse mútuo.

Não posso deixar de mencionar, também, embora esteja em um âmbito multilateral, plurilateral, minha alegria por estar de volta no Uruguai, que para mim é um país especialmente querido. Faz 50 anos que trato temas uruguaios, como a integração fronteiriça, da Lagoa Mirim; e até hoje lamento não ter posto em andamento alguns projetos, como deveríamos ter feito há muitos anos. Meu amigo Eduardo Dos Santos, que está presente, conhece bem a sinceridade dos meus propósitos, porque temos trabalhado juntos nisso. Ele mesmo é autor de uma grande dissertação sobre nossa relação com o Uruguai, que temos discutido muitas vezes em conjunto.

Assim, aprez-me esta oportunidade de dizer-lhes como vejo, neste momento, o panorama do comércio mundial, partindo sempre do concreto, do que nos preocupa hoje, em nosso Continente, de forma mais ampla nas negociações comerciais.

Mas não posso deixar de mencionar, antes, a Conferência da UNCTAD. Será a Décima Primeira Conferência que realizamos e, como já mencionou com muita generosidade – meus respeitos – o Embaixador Pericás, coincide com o 40 aniversário, seja da UNCTAD, seja do denominado Grupo dos 77 e da China, que nasceram praticamente juntos.

Menciono a questão do aniversário, não porque esse número 40 tenha uma importância mágica, mas única e exclusivamente porque na realidade, a ALADI e, antes, sua antecessora, a ALALC, no primeiro Tratado de Montevideu, e a UNCTAD, são produtos de um mesmo movimento de pensamento e ação, que nasceram na América Latina, nos anos 50.

Basicamente, foram economistas, cientistas sociais e políticos latino-americanos que começaram a pensar no desenvolvimento da perspectiva dos países do sul e, basicamente, homens como Raúl Prebisch ou como Celso Furtado – que continua a ser muito produtivo – têm plasmado, de certa forma, os alicerces do que, eventualmente, iria constituir o início do movimento de integração latino-americana com o primeiro Tratado de Montevideú de 1960, e, poucos anos mais tarde, a criação da UNCTAD, que é o que mencionei em um texto sobre o centenário do nascimento de Prebisch, “A globalização de Raúl Prebisch”, no sentido de que é o momento em que ele sai do âmbito latino-americano e passa a ser uma pessoa com ação global, pois percebeu que seu pensamento sobre o comércio precisava de um âmbito mais global, que pudesse incluir esse sistema como um todo. Os dois movimentos não apenas têm a mesma origem, mas são complementares.

Menciono isso porque, de um lado, estava a idéia, nesta geração latino-americana, de que o processo de desenvolvimento do Continente, mediante a industrialização, a incorporação de tecnologia e o aumento da produtividade, requeria, entre outras coisas, uma integração comercial, econômica e tecnológica dos países da região, e essa idéia era impulsionada pela constatação do pouco aproveitamento que existia do potencial de colaboração mútua.

De outro lado, esse mesmo impulso de integração e de desenvolvimento não se completaria, se não houvesse, também, uma evolução no sistema comercial global. O que Prebisch e os outros compreenderam muito bem foi que o problema do protecionismo, particularmente nos temas agrícolas ou produtos sensíveis e nas manufaturas que poderiam exportar os países em desenvolvimento, somente poderia resolver-se mediante um acordo, no qual os países industriais do norte compreendessem que era de seu interesse, como dizem os americanos, em seu “*enlightened self interest*”, em seu auto-interesse esclarecido, contribuir com o desenvolvimento dos países do sul, porque seria uma forma de criar uma demanda adicional pelos bens de capital, pela tecnologia dos países industriais. É o que mais tarde foi chamado de interdependência, e isso é o que está na fundação da UNCTAD.

Então, são duas idéias inseparáveis e que não se contradizem: a integração latino-americana ou a integração entre os países em desenvolvimento, não é uma alternativa ao comércio ou à integração com os países do norte, é seu complemento necessário, indispensável para poder criar um sistema realmente cada vez mais integrado e cada vez menos afetado por barreiras desnecessárias.

Então, creio que é preciso partir dessa realidade ao pensar na realização da Conferência. Essa Conferência que, em pouco mais de duas semanas reunir-se-á no Brasil e, pouco antes, teremos uma semana de comércio exterior, no Rio de Janeiro, que começa em 7 de junho, com 10 eventos independentes. O Secretário-Geral da ALADI foi convidado a um deles, que será um evento sobre a interação entre o multilateralismo e a regionalização, visando compreender todos os problemas que podem surgir dessa relação complexa, e teremos outro evento sobre a Índia e o MERCOSUL. Em fim, vários aspectos que afetam a integração latino-americana nessa semana do Rio.

Esta Conferência da UNCTAD é boa para que os Senhores possam perceber sua dimensão, que seja mencionado que, neste ano, será a Conferência mais importante, não apenas econômica, mas também política, das Nações Unidas. Não há nenhuma Conferência das Nações Unidas com esta dimensão. Ao mesmo tempo, é a maior Conferência das Nações Unidas que se realizará em meu país desde 92, quando a Conferência sobre Meio Ambiente. E, em termos da UNCTAD, é um retorno da UNCTAD à América Latina.

A UNCTAD, como os Senhores sabem, faz uma Conferência grande cada 4 anos e a última vez que ocorreu na América Latina, foi em Cartagena de Índias, na Colômbia, e, antes, tínhamos nos reunido em Santiago do Chile, nos anos 70; essa foi uma famosa Conferência, marcada pelo espírito daquela década, tão particular na história deste Continente.

Mas, neste momento, ao retornarmos à América Latina, é óbvio que nossa Conferência, apesar de ser global, terá um caráter mais acentuadamente latino-americano, é natural, legítimo. A última vez que nós nos reunimos foi em Bangkok, em 2000, e a crise asiática de 97 estava sempre presente nos debates.

Esta vez não resta dúvida de que os assuntos latino-americanos, de uma forma ou de outra, estarão presentes. A Conferência tem, em sua temática geral, a busca da coerência entre as estratégias nacionais de desenvolvimento e os processos globais. Isto é, o entorno, o marco global, tanto nas negociações comerciais quanto no que ocorre no âmbito financeiro e monetário.

E aqui temos que dizer que uma primeira constatação é que, por desgracia, no mundo em que vivemos, que não é o mundo ideal, mas sim o mundo real, onde não houve ainda a construção de uma nova arquitetura financeira, onde não se conseguiu pôr em andamento mecanismos que possam evitar as crises financeiras e monetárias, ou quando ocorram, encaminhá-las a uma solução ordenada, sem os sacrifícios e as perdas que vimos da última vez em nossa região, em nosso país vizinho e tão estimado por todos nós, a Argentina, que tem sofrido um enorme impacto com repercussões graves também sobre o Uruguai e sobre outros países e, devemos dizer, sem muita solidariedade da comunidade financeira internacional, sem que houvesse realmente mecanismos que pudessem reduzir o sofrimento humano.

Hoje em dia o que vemos é uma recuperação muito alentadora, que gera muita alegria em todos nós, mas atingida com muita dor, com muito sacrifício, com muita perda. Lamentavelmente, não temos ainda mecanismos que garantam que isso não voltará a ocorrer, e é por isso que a coerência obriga. E eu lamento, que por uma questão de auto-segurança, uma espécie de seguro de vida, os países não consigam constituir reservas que os protejam, como fazem os asiáticos, todos sem exceção, começando pelo Japão. Os senhores sabem que, hoje, os asiáticos têm reservas acumuladas astronomicamente altas, que são muitíssimas vezes superiores à disponibilidade do Fundo Monetário Internacional?

Eu, como antigo Ministro da Fazenda, sei muito bem que acumular reservas não é a forma mais inteligente ou racional de aplicar os recursos, porque as reservas não vendem muito, mas, lamentavelmente, quando não há outros mecanismos, não há solução. Até um pensador ortodoxo, como Martin Wolf, reconhece-o em seus artigos. Na ausência de uma solução mais sistêmica, a coerência obriga-nos a procurar uma solução que dependa do desempenho comercial; basicamente, e em poucas palavras, nós temos de melhorar nossa competitividade comercial, temos de melhorar nossos saldos comerciais, de reduzir os *deficit* em conta corrente para depender menos dos recursos de fora e, assim, proteger-nos um pouco da volatilidade excessiva do mundo financeiro.

Mas, se isso é correto a respeito do mundo financeiro, nós não vamos esquecer na Conferência do que constitui a razão de ser da UNCTAD, que é o comércio com instrumentos do desenvolvimento: a promoção do desenvolvimento através do comércio. E é aí que eu gostaria de lhes dizer umas poucas palavras sobre o que eu considero a paradoxalidade ou a contradição entre o mundo real do comércio e o mundo das

negociações, que não direi que não é real, mas é diferente. É um mundo, digamos, que estabelece os alicerces do mundo real das transações no dia a dia.

Quando olhamos para esse panorama do mundo real, do comércio e das negociações, constatamos que as negociações, por um lado, como disse muito bem o Secretário-Geral da ALADI, não conseguem recuperar sua dinâmica. Alguém poderá dizer que estão em crise, ou que estão em compasso de espera, aguardando que certos acontecimentos políticos ocorram. Porém, a realidade é que as negociações não andam, seja na OMC, como disse muito bem o Secretário-Geral, e Carlos Pérez Del Castillo conhece muito bem este assunto, porque ele levou todas as consultas até uma data muito recente, seja nas tentativas regionais da ALCA ou com a União Européia.

Uma das explicações é que não há, verdadeiramente, um vínculo automático, linear e imediato entre a recuperação da economia e do comércio e os resultados das negociações, porque as negociações são um fenômeno essencialmente político, que sofre o impacto dos eventos políticos, no caso das eleições americanas, da expansão da União Européia, das dificuldades que têm os europeus para avançar em seu programa de reforma da agricultura, que é autêntico, que é sincero, mas que é difícil. Então, todos esses assuntos não mudam direta ou fundamentalmente pela recuperação do ritmo do comércio e da economia.

Bem, não há dúvida de que se deixarmos de olhar as negociações e olharmos o que ocorre no mundo real do comércio, vemos um panorama realmente muito positivo, eu diria, se me perguntassem qual é o fato mais positivo que eu vejo no mundo de hoje, que é um mundo preocupante, no qual existe novamente a tendência ao aumento nas taxas de juros, no qual existe novamente a preocupação com o petróleo, pois não se sabe onde vai acabar isso devido aos problemas políticos estratégicos no Oriente Médio, no qual existe novamente a preocupação com a inflação, com o retorno da inflação, como foi o caso também na época da guerra do Vietnã nos anos 70, e que nos levou aos problemas que tivemos depois, nos 80. De novo, estamos numa época de desequilíbrios, de macro-desequilíbrios, entre os Estados Unidos e os demais, com o *deficit* do orçamento americano, o *deficit* também externo dos Estados Unidos.

Portanto, nesse panorama com razões para nos preocuparmos, o que eu vejo que equilibra um pouco o cenário é o crescimento do comércio, que é realmente algo que deve dar-nos mais ânimo. Depois dos péssimos resultados do ano 2001, quando o comércio mundial sofreu uma contração de menos 1% (sic), houve uma recuperação que começou muito lentamente, em 2002, e que no ano passado atingiu 4,7% em volume.

No início deste ano, tanto a UNCTAD quanto a OMC, tinham previsto uma expansão de 7 – 7,5%, e as últimas previsões, como a da OCDE, já dizem que o comércio vai crescer 8,6% neste ano, o que nos deixa próximos aos melhores anos de pós-guerra, i.é., um crescimento do comércio de mais ou menos duas vezes o crescimento do produto da economia mundial, e a OCDE projeta, para o próximo ano, tomara que seja assim, um crescimento de 10,2%; isso já nos colocaria bem próximos dos melhores anos.

Os senhores sabem que no ano 2000, que tem sido, eu digo sempre, um ano santo, não apenas para a igreja católica, mas também para o comércio mundial, o comércio cresceu em volume de 13 a 14%, um dos crescimentos mais espetaculares. Existe, então, esse tipo de aparente contradição entre o que ocorre em um domínio e no outro.

Agora, no caso da América Latina e o Caribe, para chegar mais perto, sabemos que, no ano passado, o Continente mostrou os benefícios dessa recuperação, a recuperação do

comércio. Como os Senhores sabem, é a outra face da recuperação da economia americana e do crescimento vigoroso da China, dos asiáticos; segundo o Banco Asiático de Desenvolvimento, as 41 economias em desenvolvimento da Ásia e do Pacífico devem crescer uma média de 6% ao ano durante toda a próxima década. O crescimento do Japão voltou a ser mais dinâmico.

Na América Latina e o Caribe tivemos, no ano passado, um saldo bilateral de comércio espetacular, de 41 bilhões de dólares. É preciso retroceder a 1984 para encontrar um desempenho tão bom como o que tivemos, em conjunto, no ano passado e, também, pela primeira vez em 50 anos a região teve um pequeno, mas expressivo, saldo em conta corrente, de 6 bilhões de dólares.

Outro aspecto muito positivo no ano passado foi o desempenho quase generalizado, de alguns melhor do que de outros; o Brasil teve um dos melhores desempenhos da sua história, as exportações cresceram 21%, no MERCOSUL, 18%, e nos andinos, com exceção da Venezuela, que teve problemas com o setor petrolífero, devido a dificuldades políticas, 14%.

É interessante salientar que, nesse ano em que o comércio da América Latina cresceu, em grande parte devido à recuperação americana, mas também devido à demanda asiática e a outros fatores, um dos dados que chama a atenção é o problema da relação que isso tem com as negociações. É curioso. Se alguém ler, por exemplo, o balanço preliminar das economias da América Latina e o Caribe, publicado pela CEPAL, na véspera do Natal, perceberá que um dos países que não teve um desempenho tão alto foi o México, no qual as exportações aumentaram em apenas 2,5%, devido, praticamente, ao petróleo. Isso pode ser explicado, em parte, porque o crescimento mexicano anterior tinha sido espetacular: em 7 anos o México triplicou suas exportações de uns 50 bilhões para mais de 160 bilhões e não é possível manter permanentemente esse crescimento. O fato é que há 10 anos, o México é o único país da região que têm um Acordo de Livre-Comércio com os Estados Unidos, e a recuperação comercial americana é uma das grandes explicações do desempenho comercial da região como um todo.

O relatório da CEPAL explica esse resultado, em parte por uma relativa perda de competitividade das exportações mexicanas perante a China. É a China que está conquistando o mercado americano, em parte à frente de alguns países da América Central e o Caribe, como Santo Domingo, e em parte por problemas que houve com a moeda, que tinha se valorizado no início do ano.

Há várias explicações e eu não tenho nenhuma dúvida de que o dinamismo mexicano e sua capacidade exportadora farão desse episódio algo menor, fugaz, mas considero que é interessante mencioná-lo, não pelo aspecto que eu não considero muito expressivo, é apenas uma questão do momento, mas porque mostra a importância da competitividade tanto no comércio exterior quanto da prática dos acordos, i.é., das negociações.

Aqui eu quero fazer uma ligação entre o mundo real do comércio e o mundo das negociações. As negociações geram oportunidades, mas não garantem o aproveitamento das mesmas se não houver outras condições, inclusive de competitividade.

Eu não tenho nenhuma dúvida de que o Acordo de Livre-Comércio tenha gerado oportunidades; é claro que seria inexplicável a triplicação das exportações do México, se não fosse pelo Acordo de Livre-Comércio; é lógico, natural, que tenha gerado oportunidades, mas o Acordo ou a negociação em si não garante um resultado duradouro, perdurável, porque a concorrência no mundo atual é sem trégua, não pára nunca e ainda

as vantagens de acordos regionais podem ser eludidas por países como a China ou o Vietnã, ou por outros, que são capazes, pelo baixo-custo de sua mão de obra, ou por outros fatores, de neutralizar, de equilibrar, as concessões que foram outorgadas em negociações.

Meu propósito é um só: é voltar a atenção dos senhores para outro assunto, que meu amigo, o Secretário-Geral da ALADI destacou em sua intervenção: a importância fundamental da oferta, porque percebo, e Carlos sabe muito bem disso, porque tem acompanhado minhas intervenções, que embora na América Latina e o Caribe nós tenhamos entendido um pouco tardiamente a importância das negociações, depois tornamo-nos um pouco obcecados por elas, como se tudo no comércio somente se resolvesse por meio das negociações comerciais.

Isso é perceptível. Eu sempre digo em meu país que cada ano recebo 15 ou mais convites para seminários sobre as negociações da ALCA, da OMC, do MERCOSUL, ou com a União Européia, e nunca em minha vida, e já fiz 67 anos, nunca recebi um convite para um seminário sobre a oferta brasileira; o que ocorre com a oferta brasileira? É como se as pessoas considerassem que nós não temos nenhum problema na oferta e, de fato, nossos problemas básicos estão na oferta e não na negociação; inclusive nossas limitações, nossos temores na negociação originam-se na oferta; é porque nós sabemos que nossa oferta não é tão boa, não é tão competitiva, não é tão qualitativamente forte, que temos medo de nos abirmos em determinadas negociações.

Por que é que os asiáticos, os chineses, etc., em geral, não temem às negociações? Porque sabem que são competitivos. Então, esses fatores estão ligados; porém, apesar de serem óbvios, curiosamente não chegaram à consciência plena dos países para que se preocupem com isso. Há um exemplo, que me parece muito impressionante, de meu país, que eu conheço melhor. Meu país, como mencionei, aumentou suas exportações o ano passado em 21%, algo extraordinário. É claro que vinha de um período de desempenho muito negativo, o contrário do México. Durante anos, o Brasil não aproveitou seu potencial, devido à moeda, etc. Então, deve-se levar em conta esse fator, é uma recuperação dos anos perdidos, mas, o que acontece atualmente? Em alguns setores da oferta, o Brasil já está limitado; é o caso do aço, quem conhece o mercado do aço no Brasil sabe que no Brasil não há, no momento, aço para o mercado interno e para exportar. O Brasil já não tem mais possibilidades de expandir o minério de ferro, já comprometeu sua capacidade de exportação por três, quatro anos, porque a China, praticamente, comprou toda a capacidade brasileira; em matéria de papel e celulose estamos também, praticamente, limitados.

Então, temos primeiro uma limitação de quantidade a exportar e, segundo, como é o caso de todos nós, temos um problema de diversificação, de qualidade e de preço. Por que os chineses têm, nos Estados Unidos, esse desempenho que eu mencionei? Porque como os Senhores sabem, os americanos não são protecionistas sistêmicos, são protecionistas em termos seletivos, têm poucas áreas protegidas, mas para nossa desgraça, especialmente do Brasil, porque concorre com os Estados Unidos. Eles concentram-se em produtos nos quais nós somos competitivos: aço, suco de laranja, açúcar, etanol, tabaco, justamente os setores nos quais, por exemplo, meu país poderia aumentar suas exportações. Mas, se excetuamos estes produtos, o mercado americano é muito aberto, por exemplo, para o Brasil, os Estados Unidos são o maior dos mercados para os aviões da EMBRAER. Qual é a tarifa de aviões para a EMBRAER? É zero. Qual é a tarifa do café em grão? É zero. Então, não é possível melhorar uma tarifa zero. Nós exportamos aviões porque somos competitivos em aviões e não exportamos produtos eletrônicos, como os asiáticos, porque não somos competitivos, não porque não tenhamos um Acordo de Livre-Comércio com os Estados Unidos, mas porque nossa oferta não é adequada.

Então, o que é que a UNCTAD quer? Na Conferência, queremos chamar a atenção para o lado da oferta. Nós sabemos muito bem que as negociações têm seus próprios locais, nós não vamos ter uma influência direta sobre as negociações na OMC, eu tenho a esperança de que a Conferência de São Paulo, como foi o caso da de Bangkok depois de Seattle, possa gerar uma influência positiva atmosférica, no sentido que, pelo encontro das inteligências, pelo encontro por meio do diálogo, possa gerar-se um clima mais positivo para as negociações comerciais. Acredito que há iniciativas em paralelo, aproveitando a presença no Brasil de personalidades fundamentais do comércio mundial, tais como Pascal Lamy e Supachai, creio que Zoellick também comparecerá; vão fazer algum esforço, digamos, à margem da Conferência em si.

E nisso nós não temos nada a ver diretamente, portanto, espero que possamos contribuir com algum benefício, porque, para nós, o êxito da Rodada de Doha é essencial. Consideramos que a Rodada deve satisfazer sua promessa, que é a de ser uma Rodada de Desenvolvimento, e para isso tem de tratar o grande problema que está complicando todas as negociações, que é fundamentalmente o problema agrícola. É preciso fazê-lo com realismo, com espírito pragmático, em fim, fazê-lo. Temos, então, essa esperança, mas queremos, ao mesmo tempo, insistir na importância da competitividade em matéria de oferta, e isso depende de nós, contrastando com as negociações. É claro que não depende exclusivamente de nós, mas eu digo sempre, que uma das questões que me surpreendem dessa obsessão com a negociação é que as pessoas não percebiam que a negociação é um processo muito importante, mas que não depende apenas de nós.

Por mais que o Brasil faça, é muito difícil persuadir os americanos de nos comprar suco de laranja, porque a Flórida tem 25 deputados no Congresso, que estão aí para não deixar passar o suco de laranja brasileiro, então, não há nada que o Brasil possa fazer. Eu fui Embaixador em Washington e, uma vez, cheguei a propor que trocássemos cerveja por suco de laranja. Naquele momento o Brasil era muito fechado para a cerveja, mas não houve nenhuma receptividade, portanto, não é apenas uma questão de querer intercambiar, são problemas políticos.

Muitas vezes a negociação enfrenta-se com essa dificuldade, que depende da vontade alheia, enquanto a oferta depende, maiormente, de nós, depende evidentemente do investimento, nacional e estrangeiro, depende do custo do investimento, depende da estrutura tributária, depende da logística de transportes, e depende de muitas questões; como os Senhores podem ver, por exemplo, não são os americanos, que nos impedem de termos um sistema de impostos mais racional, ou de sermos mais eficazes na logística do transporte, somos nós. Temos de encontrar uma forma de melhorar a competitividade nesses setores.

Então, vamos dar atenção prioritária a esses temas e isso me conduz à conclusão de meus comentários: gostaríamos muito de reiniciar esse processo de integração regional, que está sendo conduzido pela ALADI, agora, na nova realidade, com a qual nos enfrentamos, o panorama da integração de hoje já não é mais o dos anos 60 em Montevideu, eu conheci bem a ALALC, porque nos anos 60 eu era encarregado do setor comercial do Brasil em Buenos Aires, e naquela época, ainda os três produtos que mais vendíamos à Argentina eram produtos do Século XIX: madeira de pino, erva-mate e banana.

Os senhores podem ver como mudamos as coisas:, estávamos ainda no Século XIX, em 1870, e foi aí, durante meus anos em Buenos Aires, que começamos a sentir o impacto dos primeiros acordos setoriais da ALALC, que tiveram um grande impacto no setor

automotivo, no setor de máquinas de escritório, como a IBM e outras; houve um grande impacto entre o México, a Argentina, o Brasil e outros países.

Eu sempre acompanhei de perto esse problema e o panorama atual não é o que tínhamos nos 60, nem mesmo é o do segundo Tratado de Montevideú, porque desde então temos visto, por exemplo, essa grande mudança que foi a adesão dos Estados Unidos à negociação de Acordos de Livre Comércio, aos quais tinham-se resistido por um longo período. Primeiro assinaram com Israel; os senhores sabem que, atualmente, o total do comércio americano, que se rege por acordos preferenciais, aproxima-se ao total do comércio multilateral, portanto, esse grau já está aumentando muito.

Trata-se de uma realidade nova, que deverá ser analisada, e é por isso que no Programa de Trabalho futuro da UNCTAD, fomos estimulados por muitos países, inclusive industriais, como os da União Européia, a dedicar uma atenção central a dois aspectos desse fenômeno. Porque nós sempre tivemos muitos escrúpulos em entrar no tema do regionalismo, porque sabíamos que não era nosso mandato. É o mandato da ALADI, é o mandato dos organismos regionais e sub-regionais e, no caso das Nações Unidas, da Comissão Regional, que é a CEPAL. Mas agora há uma realidade nova que faz imperativo um trabalho da UNCTAD em prol de dois aspectos.

Primeiro, a relação entre regionalismo, seja exclusivamente entre países em desenvolvimento, seja o regionalismo como a ALCA e outros, entre países industriais e países em desenvolvimento, com regras do sistema multilateral do comércio, qual é a interação. É verdade que o regionalismo é um *"building block"*, como se costuma dizer? Uma construção de um multilateralismo mais aberto ou está pondo sob risco a cláusula da nação mais favorecida, que é o fundamento, alicerce do Acordo Geral?

Quais são os aspectos que podem ser positivos ou negativos, em termos do aumento enorme do tratamento preferencial? E, quem diz preferencial, diz sempre, necessariamente, discriminatório, porque preferencial é discriminatório contra alguns.

Então, quais são as conseqüências? Quais são as dimensões da inclusão nesses acordos do que hoje é chamado de integração profunda, de integração em propriedade intelectual ou no domínio das regras sobre investimentos ou de concorrência ou de compras governamentais e outras?

Esses assuntos requerem um esclarecimento, sem prejuízo ideológico, sem uma atitude preconcebida, com espírito empírico, pragmático, examinando caso a caso, e o outro aspecto é o aumento da possibilidade, um aumento da relação não intra-regional, como ocorre na América Latina, mas inter-regional. Quais são os vínculos entre nossa integração e a integração asiática, ASEAN, por exemplo, ou os novos acordos que estão surgindo entre a China, a Coréia, e os outros países da ASEAN ou entre a Índia e os países da Ásia do Sul?

É por isso que trouxemos a Índia para esse diálogo, primeiro com o MERCOSUL, e a conclusão da UNCTAD, nossos estudos preliminares chegam à conclusão de que um acordo com a Índia poderia aumentar em dezesseis vezes o intercâmbio entre a Índia e o MERCOSUL, porque as tarifas da Índia são muito altas em comparação com as nossas; portanto, se conseguirmos uma redução, haverá muito para conseguir, inclusive, para países como o Uruguai e a Argentina.

A Argentina foi o grande país fornecedor de óleo de soja para a Índia o ano passado, por exemplo. Na Índia, 90% de suas exportações agrícolas são de óleos vegetais. Então,

há extraordinárias oportunidades, porque é um país, os senhores sabem, que em poucos anos mais a população da Índia vai ultrapassar a da China, i.é., será o país de mais população do mundo, e permanecerá nessa posição nos próximos três séculos, segundo as estimativas da Divisão de População das Nações Unidas.

Então, existe um enorme potencial nesse setor; portanto, temos de ver quais são essas relações e é aí que queremos trabalhar com a ALADI, utilizando nossa tradição de cooperação, tentando descobrir como é que a UNCTAD pode contribuir com sua *expertise* na Índia, por exemplo.

O maior projeto de cooperação bilateral em comércio da UNCTAD é com a Índia, e é financiado pela Gran Bretaña, pelo Reino Unido; é muito interessante, porque é com dinheiro inglês que estamos fazendo o projeto para ajudar à Índia no comércio. Portanto, temos ligações com esses países, que podem ajudar; o que não temos é o conhecimento da realidade da região latino-americana, da integração latino-americana, mas aí complementamo-nos, e eu gostaria terminar, porque vejo que realmente tenho abusado muito do tempo, com um assunto que também foi mencionado pelo Secretário-Geral, porque ele tinha, como se diz no Brasil na imprensa, ele tinha pautado minha intervenção, havia-me dado a pauta, em português, as normas da intervenção.

Bem, eu gostaria dizer o que o que Lula diz: a nova geografia do comércio não é uma figura retórica, é a realidade, é a realidade porque é o resultado, principalmente, do grande crescimento asiático. Não devemos esquecer que em uma extensíssima medida é o resultado da emergência da China, agora da Índia e das outras 39 economias da Ásia e do Pacífico.

É claro que alguém dirá: como considerar que a China é um país em desenvolvimento? Em verdade, a China é um caso, uma categoria que não entra em nenhuma outra categoria, mas atualmente, é em desenvolvimento, e assim considera-se a si mesma, então, vejam como essa realidade é importante.

Em 1990, o comércio sul-sul representava 34% do comércio total dos países do sul com o resto do mundo. Era 34%, agora já está por cima de 40%. Está em 41, 42, cresce muito e está próximo de 50%. Esse comércio sul-sul, não é somente entre os países em desenvolvimento, o fenômeno do impacto da emergência asiática também é sentido pelos países industriais.

Talvez os Senhores ignorem que, atualmente, mais de 50% das exportações do Japão vai para os países em desenvolvimento; nisso, também a parte chinesa é muito importante, e, ainda, tem a Coréia do Sul, os asiáticos, em geral. O Japão estava em 49%, agora já está em 50, com alguma exportação para os Estados Unidos. Mais um dado: no ano passado, 2003, foi a primeira vez na história que os Estados Unidos importaram mais dos países em desenvolvimento do que dos países industriais, isso inclui, também, a China, obviamente.

Os senhores sabem que a China tem um astronômico saldo bilateral no comércio com os Estados Unidos, mas, em termos de exportação e importação, o comércio dos países em desenvolvimento já representa 43% do comércio americano.

Vejam, eu quero salientar isso para mostrar que o comércio sul não é uma alternativa que exclui o comércio norte-sul, ao contrário, ambos crescem juntos, porque tudo está articulado. Dou-lhes um exemplo: para a Coréia do Sul, faz já alguns anos, a China tornou-se primeiro mercado; antes não era, os Estados Unidos eram seu primeiro mercado, agora

é a China. Agora, o que é que a Coréia do Sul, da mesma forma que a Malásia ou o Japão, vende à China? Basicamente, insumos, *inputs*, partes de computadores, de artigos eletrônicos e de outros produtos elétricos, que os chineses usam para a montagem de produtos que vendem aos Estados Unidos, portanto, no fim da linha estão os Estados Unidos.

A China tem essa possibilidade, tem representado para a Argentina, faz um ano, 10% das exportações, 6,7% das do Brasil; como é que a China consegue consumir vorazmente tanta matéria-prima? A explicação é que a China teve, no ano passado, um saldo bilateral com os Estados Unidos de 124 bilhões de dólares, algo extraordinário! É muito mais do total das exportações brasileiras, que atingem os 70 bilhões; só de saldo bilateral com os Estados Unidos, a China teve 124 bilhões de dólares!

É bem claro o financiamento desse *deficit* americano: os chineses compram-lhes os dólares para evitar o aumento no valor da moeda chinesa, os chineses, bem como os japoneses, os malaios e os tailandeses, compram dólares para acumular reservas, compram as letras do tesouro, os títulos do tesouro e, assim, encerra-se o círculo.

Temos, então, um mundo, como já disse um estudioso, dividido em duas partes: uma, a dos países que financiam seu desenvolvimento através do comércio com os Estados Unidos e compensam o *deficit* financiando o *deficit* americano; a outra, a dos países que financiam seu crescimento com dívida.

Nós temos que passar de uma categoria para a outra, temos de procurar – certamente não é um mundo sadio, eu não acredito que esse tipo de mundo possa durar para sempre – esse desequilíbrio, mas dizemos que é melhor estar entre os que financiam com comércio que entre os que financiam com dívida, acredito que ninguém contestaria esta conclusão.

Então, há uma realidade, que não é um sonho, é esse comércio; já não é mais a questão declaratória dos anos 70 ou dos anos 60, é a realidade concreta, e é essa realidade concreta que explica por que há um sentimento de autoconfiança, de autoafirmação. Por exemplo, grupos como esse grupo no qual o Brasil está envolvido, que não é o único, tem o Grupo dos 20 ou outros grupos, já não são criados grupos em torno a ideologias, mas em torno a propostas concretas, que, boas ou ruins, são concretas, não são proposições ideológicas. Então, um dos assuntos que procuraremos concretizar na Reunião da UNCTAD é o de impulsionar um pouco esse movimento, e teremos um instrumento que não tem sido muito bem aproveitado, não tem sido realmente nada aproveitado, que é o Sistema Geral de Preferências Comerciais.

É um sistema que foi assinado no ano 1989, que permite aos países em desenvolvimento reduzir tarifas entre eles, seria o caso com a Índia, por exemplo, sem que essas concessões sejam outorgadas aos países industriais; é um sistema perfeitamente legal, foi notificado ao antigo GATT, segundo a cláusula de habilitação, e permitir-nos-á, inclusive, tratar o problema dos países de menor desenvolvimento sem as complicações que teríamos no Sistema Multilateral.

Então, queremos ver se conseguimos uma nova negociação nesse Sistema, segundo as projeções da Secretaria da UNCTAD. Se conseguirmos uma redução de 30% nas tarifas entre os países em desenvolvimento, o que não é difícil, porque como eu já disse, muitos desses países asiáticos ainda têm tarifas muito mais elevadas do que os nossos.

Se conseguíssemos uma redução de 30%, teríamos um lucro líquido de entre 7.5 e 8.5 bilhões de comércio ao ano; se conseguirmos uma redução maior, de 50%, nosso lucro poderia atingir 15,5 bilhões de dólares.

Portanto, são realidades, são cifras; eu não digo que será fácil, não será, teremos de modernizar as negociações. Atualmente, o Presidente do Comitê de Participantes é nosso colega e amigo da Argentina, o Embaixador Chiara Díaz, e há muito entusiasmo para trabalhar nesse sentido. Então, eu concluo aqui e, desta vez, concluo de verdade, com um pedido: desculpem pelo excesso; eu não trouxe um texto escrito e muitas vezes nesses momentos, perde-se um pouco o sentido do tempo, mas eu queria compartilhar com os senhores um pouco do que é minha paixão, que é a paixão pela realidade do comércio e do potencial que existe para nós, que eu acredito que é muito grande e depende, basicamente, de nós mesmos.

Obrigado, muito obrigado.

- Aplausos

PRESIDENTE: Muchas gracias, Embajador Ricupero por sus palabras. Creo que fueron de gran utilidad para todos nosotros, tanto a nivel personal, como de los trabajos que debemos desarrollar como Comité de Representantes seguir avanzando en la preparación de la próxima Sesión del Consejo de Ministros.

Creo que los aplausos de la Sala son muestra fiel del entusiasmo con que sus palabras fueron recibidas, y muestran que, sin duda, colmaron más que ampliamente nuestras expectativas.

Siguiendo con nuestra Sesión, el Secretario General de ALADI y el Secretario General de la UNCTAD firmarán un memorando de entendimiento entre la Secretaría General de la Asociación Latinoamericana de Integración y la Secretaría General de la Conferencia de las Naciones Unidas sobre Comercio y Desarrollo.

- Los Secretarios Generales de ambos Organismos Internacionales firman el Acuerdo de Cooperación.

Ahora quisiera invitar al Señor Secretario General de la UNCTAD a firmar el libro de Visitantes Ilustres de ALADI.

- Procede-se à assinatura do Livro de Visitantes Ilustres.

Entrega-se um presente como lembrança da visita do Secretário-Geral da UNCTAD à Sede da ALADI.

- Aplausos

Ahora quisiera invitar a los Señores Jefes de Misión, al Señor Secretario General de la UNCTAD y, naturalmente, al Señor Canciller de Uruguay a que se acerquen para sacar una foto oficial para recordar la presencia del Secretario General de la UNCTAD en el Comité de Representantes. Muchas gracias.